

HISTÓRIA, LITERATURA E MITOBIOGRAFIA: UMA LEITURA DE *OLGA*, DE FERNANDO MORAIS

*HISTORY, LITERATURE AND MYTHICAL
BIOGRAPHY: A READING OF OLGA BY
FERNANDO MORAIS*

Gustavo Menegusso¹

RESUMO: O leitor ingênuo pode ler uma biografia apenas como um documento ou simplesmente comparando-a a um livro de História. Todavia a escrita biográfica nem sempre apresenta descrições meramente objetivas, podendo, dessa forma, revelar nas entrelinhas, ou até mesmo de forma explícita, certas informações que transcendem o caráter histórico. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar as relações entre literatura, história e mitobiografia na obra *Olga* (1985), de Fernando Morais. Tem-se como foco observar como se constitui o mito do herói ou heroína a partir da reconstrução e ao mesmo tempo ficcionalização da personagem principal Olga Benário. Para o embasamento dessa proposta busca-se respaldo em obras de autores como Mircea Eliade e Joseph Campbell.

Palavras-chave: biografia; mitos; mitobiografia; Olga.

ABSTRACT: The naive reader can read a biography only as a document or simply comparing it to a history book. However, the biographical writing does not always purely objective descriptions and can thus reveal between the lines, or even explicitly, certain information that transcend the historical character. Thus, this study aims to analyze the relationships between literature, history and the work mitobiografia *Olga* (1985) by Fernando Morais. It has as its focus is to observe how the myth of the hero or heroine from the reconstruction while fictionalization of the main character Olga Benário. In the basement of this proposal seeks to support in the works of authors like Mircea Eliade and Joseph Campbell.

Keywords: biography; myths; mythical biography ; Olga.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca dos limites entre realidade e ficção são constantes nos estudos que envolvem história e literatura. Esse universo torna-se ainda mais complexo quando se trata, especificamente, do gênero biografia, que se inscreve nesse

¹ Mestrando em Literatura Comparada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Bolsista Prosup/CAPEES. E-mail: gmenegusso@yahoo.com.br.

entre-lugar. É difícil saber de forma precisa até que ponto o biógrafo consegue ser fiel à realidade dos fatos, visto que sua escrita é uma reconstrução de memórias passadas.

No resgate dessas memórias, muitos fatores, tais como os políticos e econômicos, influenciam o escritor na reconstituição do personagem biografado. Assim, como acontece na maioria das vezes, tem-se apenas recortes de um lado da vida desse personagem, ou seja, o seu lado positivo.

Nessa lógica, pretende-se com este trabalho investigar as relações entre literatura, história e mitobiografia e analisar de que forma a narrativa biográfica *Olga* (1985), de Fernando Morais, através de sua reconstituição do passado, pode revelar traços identificadores do mito do herói. Para tanto, o presente estudo estrutura-se em três partes: a primeira apresenta questões e conceitos relacionados à mitobiografia, na segunda parte tem-se uma exposição teórica a respeito da biografia *Olga* e por último, na terceira parte, concentra-se uma análise crítica acerca do objeto em questão.

MITOBIOGRAFIA: QUESTÕES E CONCEITOS

Segundo a historiadora Luisa Passerini, no ensaio *Mitobiografia em História Oral* (1993, p. 39), o termo “mitobiografia” foi inventado pelo psicanalista alemão Ernst Bernhard (1896-1965). A palavra, em sua origem, queria dizer “mitologema”, que é a base do destino de um indivíduo. Assim a ideia de uma mitobiografia está relacionada a história de uma vida que “espelha” mitos e lendas de povos antigos. A palavra mitobiografia é procedente de uma “relação dialética entre mito e biografia” (CARDOSO DE JESUS, 2000, p. 2). Nesse sentido, faz-se necessário, primeiramente, apresentar os significados particulares que envolvem o universo dos mitos e o meio biográfico.

De acordo com o historiador Mircea Eliade (2006, p. 11), o mito é uma narrativa que conta “uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio”. Essas histórias, que ultrapassam gerações e desempenham funções diferentes entre as variadas culturas, descrevem acontecimentos sobre a origem do ser humano e da própria humanidade. Além disso, como afirma, ainda, Eliade (2006, p. 16):

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver e trabalhando de acordo com determinadas regras.

Desse modo, os mitos constituem uma “história verdadeira” porque sempre se referem a realidades ou coisas do mundo real que foram apresentadas por intermédio do sagrado ou do sobrenatural. Assim, essas narrativas servem como uma espécie de “modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas”, ou seja, elas conduzem e ao mesmo tempo ajudam a organizar a sociedade onde o ser humano está inserido (ELIADE, 2006, p. 12).

O mito tenta sempre explicar o inexplicável, isto é, “dar respostas a questões que a razão humana não pode compreender” (MONFARDINI, 2005, p. 54). Por isso existe uma infinidade de mitos em nossa sociedade, impregnados, é claro, nos mais diferentes povos ou culturas.

A identificação desses mitos sempre acontece pela cultura alheia. Para exemplificar essa situação, notem-se os inúmeros santos da Igreja Católica como, por exemplo, Nossa Senhora Aparecida e São Francisco de Assis, que são vistos como mitos pelas pessoas alheiras à essa religião. E o mesmo acontece, de forma inversa, quando os católicos analisam as demais crenças, e assim por diante. O termo “mito” é usado sempre para tratar a crença que pertence à cultura do outro.

Nessa perspectiva, Joseph Campbell (2007, p. XIII), em seu livro *O Poder do Mito*, apresenta uma definição de mitos semelhante à de Mircea Eliade (2006). Para o mitólogo, “os mitos são chaves para a nossa mais profunda força espiritual, a força capaz de nos levar ao maravilhamento, à iluminação e até ao êxtase”.

Assim como Eliade, Campbell também revela o caráter “influenciador” do mito no comportamento humano e social. É da natureza do ser humano buscar explicações sobre o universo que o cerca, e os mitos, por sua vez, fornecem essas explicações, representam “as pistas para as potencialidades espirituais da vida humana”, como apresenta o próprio Campbell (2007, p. 6).

Os mitos fazem parte da vida do ser humano, da sua cultura e da sua religião. Mais do que histórias, eles são instrumentos de organização social e espiritual tanto de uma sociedade quanto dos indivíduos que nela vivem. Nessa perspectiva, o escritor Felipe Pena (2004, p. 71) explica que “entender o mito significa entender-se, ou seja, participar da teia de significações que constitui o que chamamos de realidade”.

Entretanto, apesar de constituírem uma “história verdadeira” (ELIADE, 2006), a narrativa mitológica não pode ser confundida com a História. De acordo com Adriana Monfardini (2005, p. 51), “a forma mítica refere-se a um passado longínquo demais para ser apreendido; já a História abarca o passado mais recente, que pode ser testemunhado e que tem uma existência real no tempo humano”. Enquanto o mito encontra-se inserido no universo do fabuloso, do divino ou do sobrenatural e que foge da comprovação humana, a História, ao contrário, faz parte do mundo real, testemunhado e comprovado pelo ser humano, isto é, é verdadeira.

Discorrendo acerca dessas diferenças, Eliade (2006, p. 17) ainda acrescenta que a história é linear e irreversível, à medida que a narrativa mítica é intemporal e necessita sempre ser reatualizada. Para o ser humano das sociedades arcaicas, “é obrigado não somente rememorar a história mítica de sua tribo, mas também reatualizá-la periodicamente em grande parte”.

É nesse contexto de reatualização, ou seja, da passagem de uma geração para outra, do conhecimento sobre a origem das “coisas” do mundo real, que a narrativa mítica fica sujeita a variadas versões. Em cada povo ou cultura tem-se uma versão sobre o mito da criação do mundo e mesmo dentro de uma própria cultura, esse mito, bem como diversos outros, vêm sendo contados de diferentes maneiras com o passar do tempo.

Marcio Markendorf (2006, p. 1), no ensaio *Mitobiografia e lógica de gênero* retoma as ideias do filósofo Lévi-Strauss (1996, p. 242) ao afirmar que “a substância do mito encontra-se na história que é relatada”. Dessa forma, as narrativas míticas assim como as biografias ficam expostas a diversas versões. Mudam-se as maneiras de se contar os acontecimentos, o estilo, mas a história ou o conteúdo, em sua essência, permanece o mesmo.

Melo e Costa (2010, p. 143) definem a narrativa biográfica como sendo “um relato ou narrativa centrado na vida de uma pessoa, no qual os fatos são organizados de maneira retrospectiva”. Por sua vez, de acordo com Felipe Pena (2008, p. 70), a biografia pode ser definida como “história de uma vida”, “uma narrativa de um determinado personagem que é o fio condutor de todo o enredo”, ou ainda, “narrativas de fôlego em que são reconstruídos personagens e identidades”.

Contudo, apesar de a biografia buscar na história fatos comprovados que sustentam a “história verdadeira” que está sendo contada, esta não deixa também de ser uma representação construída a partir de um ponto de vista: “as representações biográficas são afetadas por um suporte mítico, porque implicitamente estão amplificadas e deformadas pelo imaginário de um interpretante – o biógrafo” (MARKENDORF, 2006, p. 1). É nesse sentido que toda a biografia é passível de revelar ou construir um mito, pois, na maioria das vezes, o biógrafo não mede esforços em relatar ou priorizar fatos marcantes e, de certa forma, vistos positivamente pelo grande público, da vida do seu biografado.

Dessa forma, chega-se à possível relação dialética entre mito e biografia, ou seja, à mitobiografia, assim compreendida pela historiadora italiana Luisa Passerini (1993, p. 39):

As estórias de vida podem ser vistas como construções de mitobiografias singulares, usando opções de recursos diversos, que incluem os mitos, combinando o novo e o antigo em expressões únicas [...] não se trata de usar mitos do passado para ler o presente, e sim usar o presente para reinterpretá-los.

Sendo a biografia a história de uma vida, essa se torna um meio possível de reinterpretação dos mitos passados, ou seja, a mitobiografia pode ser entendida como uma narrativa “pela qual uma vida encena um mito” (MARKENDORF, 2006, p. 1).

OLGA: A PERSONAGEM BIOGRÁFICA DE FERNANDO MORAIS

A obra *Olga*, de Fernando Morais foi publicada pela primeira vez no ano de 1985, período em que se “desfazia” a ditadura militar no Brasil e, conseqüentemente, o “término” da censura à imprensa brasileira. De acordo com próprio autor, *Olga* foi “um projeto que guardei com avareza durante os anos negros do terrorismo de Estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura” (MORAIS, 1991, p. 7).

O desejo do escritor em escrever sobre a vida de Olga vinha desde a sua infância, “quando ouvia meu pai referir-se a Filinto Muller como o homem que tinha dado a Hitler, ‘de presente’, a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses” (MORAIS, 1991, p. 7). Instigado por essa questão, o autor valeu-se de inúmeras entrevistas e pesquisas em arquivos e documentos históricos para constituir o livro que ele mesmo chamou de “esta não é a *minha versão* sobre os a vida de Olga Benário ou sobre a revolta comunista de 1935, mas aquela que acredito ser a *versão real* desses episódios” (MORAIS, 1991, p. 12; grifos nossos).

A partir da publicação da obra de Morais, a história de Olga Benário começou a ganhar visibilidade no cenário nacional e com o tempo tornou-se, e continua até hoje, alvo de discussões de inúmeros pesquisadores ou estudiosos das mais diferentes áreas, a se destacar em História e a Literatura. Entre os diversos olhares críticos lançados à biografia *Olga* estão aqueles que analisam a caracterização da personagem, sua identidade e os acontecimentos e/ou ações que marcaram sua vida.

Maria Valquíria Faria Serpa (2008), em sua dissertação *A constituição identitária de Olga Benário: uma abordagem pragmática*, apresenta um estudo relacionado às diferentes posições identitárias envolvendo a personagem Olga em alguns textos biográficos, como o de Fernando Morais. A autora preocupou-se em identificar as diversas nomeações dadas à figura de Olga ao longo da narrativa e como estas, por sua vez, foram construídas. Em relação à faceta identitária de militante, Serpa (2008, p. 95) afirma ser:

[...] perceptível o interesse de Morais em apontar os aspectos identitários positivos que inscrevem Olga na posição de militante. Suas escolhas linguísticas (“progresso fulminante”, “ideias engenhosas e imaginativas”, “estrela fulgurante”) denunciam sua posição de admirador da trajetória de Olga Benário.

Nesse aspecto, Serpa (2008) denuncia o “suposto” envolvimento do escritor com os acontecimentos da narrativa. Ao atribuir certos adjetivos, Morais acaba deixando “marcado e influenciado seu posicionamento político-ideológico”. Essa, ora, é uma característica muito comum nas biografias que, na maioria das vezes, e até mesmo por questões econômicas ou políticas, revelam apenas o lado positivo de seus biografados.

Além da faceta de militante, Maria Serpa (2008, p. 98) revela, no decorrer de sua análise, inúmeras outras nomeações, entre elas, a de mulher emancipada. Segunda a autora, Morais em sua política de representação, “parece não reproduzir o modelo tradicional de gênero no qual existem caracterizações distintas atribuídas a homens e mulheres, segundo uma matriz heterossexual, que privilegia o masculino, subordinando o feminino”. A figura de uma mulher diferenciada é explícita em alguns trechos da biografia: “percebemos no texto de Morais que Olga assume em determinados momentos uma posição de contestação às normas vigentes que subjugam à capacidade da mulher ou que parecem privar-lhe de liberdade” (SERPA, 2008, p. 99).

Nessa mesma perspectiva, Anelise Ferreira Riva (2010), no ensaio *Olga: biografia e memória cultural*, analisa a biografia e as supostas marcas da intenção ideológica do autor na construção de sua narrativa. Num primeiro momento, a autora questiona o caráter histórico e a sua linha tênue com a ficção:

Em Olga, a reportagem é uma biografia, é o relato de uma vida que não pode ser representado na escritura, sem transformar-se em personagem, o que, por si só, já conferiria ficcionalidade ao texto. Mas este não é o único elemento, a reportagem é convertida em narrativa na qual um narrador (onisciente) conta a história não de modo puramente objetivo, já que faz um uso literário da linguagem no texto, além de orientar a narrativa a partir de um ponto de vista ideológico em que se percebe uma visão claramente positiva do comunismo. (RIVA, 2010, p. 29).

Dessa forma, Riva (2010) apresenta um posicionamento semelhante ao de Serpa (2008) acerca da intenção ideológica do autor dentro da narrativa. Por utilizar-se também de uma linguagem literária para descrever as ações de seus personagens e ao mesmo tempo criar diálogos entre eles, Morais deixa sua biografia no limiar da história e da ficção.

Através dessa característica e também das suas diferentes facetas identitárias que revelam apenas o seu lado positivo, *Olga* é uma narrativa que pode ser contada a partir do “paradigma da heroína”. Nesse sentido, supõe-se que houve “um silenciamento sobre todas as características negativas de sua personalidade. O silenciamento sobre possíveis episódios que manchariam a figura de Olga contribui para que sua imagem seja remodelada no sentido de transformá-la em personagem histórica exemplar” (RIVA, 2010, p. 32).

Outro aspecto observado por RIVA (2010, p. 33) é em relação ao fato de a obra de Fernando Morais propor apenas a biografia de Olga Benário Prestes. De acordo com autora, o livro constitui-se na biografia do casal Prestes Benário, pois “a jovem judia comunista não representaria uma figura significativa para a história do Brasil se considerada isoladamente, mas, a partir da escolha de sua trajetória de vida exemplar, como a esposa de Prestes [...]”.

Apresentadas as reflexões teóricas que perpassam as relações entre história, literatura e mitobiografia, passamos a seguir a uma análise crítica da biografia *Olga*, de Fernando Morais.

LITERATURA E MITOBIGRAFIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Inicialmente, os primeiros excertos a se destacar da biografia *Olga*, de Fernando Morais, encontram-se já na apresentação feita pelo próprio autor à sua obra. Esses trechos, por intermédio de algumas expressões, revelam a importância da figura de Olga Benário e de sua trajetória:

Os poucos sobreviventes que testemunharam sua **saga** - na Alemanha ou no Brasil – eram, no mínimo, octogenários [...].

Heroína nacional cujo nome batiza dezenas de escolas e fábricas, Olga teve sua memória carinhosamente preservada pelos comunistas de sua terra. (MORAIS, 1991, p. 7-8; grifos nosso).

As expressões “saga” e “heroína nacional” usadas previamente ao início da história já oferecem alguns indícios de que tipo de personagem os leitores irão encontrar na narrativa, ou seja, um herói ou uma heroína. Ora, segundo Felipe Pena (2004, p. 34), “o herói acredita que tem uma missão a cumprir. Ele deve domar o cotidiano e viver na esfera do extraordinário. Deve entregar-se ao seu propósito maior e ao seu destino glorificado, que será construído única e exclusivamente por ele mesmo, já que ele é o senhor de seus atos”.

Na Grécia, a ideia de herói estava ligada aos conceitos de *areté* e *timé*. O termo *areté* significa ser o mais notável, excelência, virtude, enquanto a *timé* está relacionada à honra e à moral (PENA, 2004, p. 34). Além dessas características, Pena (2004, p. 35) ainda acrescenta que “o reconhecimento do povo, que leva o herói à glória, também fixa a sua imagem mitificadora, diferenciando-o dos demais mortais”.

Nesse sentido, ao analisar a obra de Moraes, encontram-se aspectos míticos do herói como, por exemplo, a missão que ele tem a cumprir, sua *areté* e *timé* e inclusive seu reconhecimento junto ao povo. No decorrer da narrativa, o autor procura evidenciar estas especificidades que juntas irão construir a figura mitificadora de sua personagem principal.

Num primeiro momento, nota-se o uso de expressões empregadas pelo escritor, que enaltecem a figura de Olga Benário:

Olga, aos quinze anos, revelou-se **a mais eficiente da turma** [...]. **Eficiente** e **ousada**: pela primeira vez também o centro, e não só a periferia de Munique, amanheceu pichado [...]. A integração deu-se em pouco tempo. Além de **decidida** e **corajosa**, ela trazia do lar burguês algo que faltava aos filhos dos operários – **uma excelente formação escolar**. (MORAIS, 1991, p. 30; grifos nosso).

Os diversos adjetivos atribuídos à Olga como “mais eficiente”, “ousada”, “decidida”, etc., não foram empregados apenas para qualificar a sua imagem, mas também a valorizá-la. Fazendo isso o autor torna-a singular e até mesmo superior às demais pessoas, assim como acontece com o herói que é um ser diferenciado dos outros, que não tem defeitos e sempre o mais preparado do seu grupo.

Além desses adjetivos, inúmeros outros aparecem principalmente no início da narrativa, no qual os personagens são descritos e “preparados para a aventura que se inicia” (CAMPBELL, 2007). Olga ainda é caracterizada positivamente de diferentes nomeações que ao final vão revelando suas múltiplas identidades, entre elas, a de uma militante completa e de uma mulher independente, como se pode perceber nos trechos abaixo:

Além disso, uma característica aguçava ainda mais o desejo dos rapazes: sua independência. **Olga era dona de seu nariz**

e fazia apenas o que acreditava ser importante. Na política e na vida pessoal.

[...] **uma bolchevique completa**: falava fluentemente quatro idiomas, conhecia a fundo a teoria marxista-lenista, atirava com portaria certa, pilotava aviões, saltava de pára-quadras, cavalgava e já tinha dado provas indiscutíveis de **coragem** e **determinação**. (MORAIS, 1991, p. 35, 57; grifos nosso).

Com expressões como “dona do seu próprio nariz” e “uma bolchevique completa”, Morais singulariza ainda mais a figura de Olga. Tanto na vida pessoal quanto profissional, a figura de uma mulher que até esse contexto é vista ainda como inferior ao homem na sociedade, consegue ser o centro das atenções e inverter estes papéis.

Na “perspectiva da heroína” analisada por Pena (2004), Olga é considerada um ser notável e virtuoso, isto é, marcada pela *areté*. Por isso, ela se destaca nos grupos revolucionários em que participa, no caso, os comunistas. Outro aspecto relevante é a missão que ela tem a realizar. Em diferentes momentos da história, Olga cumpre inúmeras missões que lhe são atribuídas, como, por exemplo, o resgate de Otto Braun no salão de audiência da prisão de Moabit, que foi batizado pelos jornais como uma “ousada cena de faroeste”.

Além de ter *areté* e sempre uma missão a cumprir, a personagem principal de Morais também possui *timé*, ou seja, a honra e a moral. Por mais que esta fosse vista como “suja” ou amoral pelas autoridades políticas e policiais, ela honrava a causa de suas batalhas, nunca desistindo delas. Para exemplificar, em uma de suas primeiras prisões, ainda na Alemanha, a filha dos Benário recusou a ajuda do pai, que era advogado, para sair da cadeia. A sua atitude, um pouco tanto egoísta, não foi por motivo qualquer, mas sim para mostrar sua independência e a capacidade de resolver seus próprios problemas.

Entretanto, apesar das características heróicas serem atribuídas com maior frequência à figura de Olga, Luís Carlos Prestes, em papel secundário, também apresenta expressões impregnadas de certo teor de heroização, como podemos perceber nos fragmentos a seguir:

Para as centenas de milhares de brasileiros que com ela travaram contato direto ou que dela tiveram notícia, seu chefe, o general Luís Carlos Prestes, era, o ‘**Cavaleiro da Esperança**’[...].

Prestes torna-se **o centro das atenções** dos revolucionários de vários países que, de passagem por Buenos Aires, aconselham-se como **o mitológico comandante da coluna invicta**. (MORAIS, 1991, p. 23, 26; grifos nosso).

A expressão “Cavaleiro da Esperança”, por mais que apareça entre aspas no texto, evidenciando que não seja uma característica criada pelo autor e sim uma maneira como Prestes era conhecido popularmente, não deixa de exaltar o mito do herói que há em torno do personagem. Durante o percurso da narrativa, inúmeras vezes essa alusão de “Cavaleiro da Esperança” é feita por Morais à figura do líder da coluna invicta.

Dessa maneira, tanto nas referências à Olga Benário quanto a Luís Carlos Prestes encontram-se traços mitológicos de heroificação, sendo mais frequente, ainda, na figura de Olga, a protagonista da narrativa. No entanto, o que vai diferenciar ambos os heróis será o destino de cada um ao final da história.

De acordo com Campbell (2007, p. 36) “um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”.

Diferente da perspectiva de percurso do herói apresentada por Campbell, percebe-se na biografia de Fernando Morais, que tanto Olga quanto Prestes não teve uma vitória decisiva num primeiro momento, ou seja, na revolução comunista, principal missão dos dois heróis. Ao serem presos, ambos fracassaram, adiando a glória do herói. Esse fracasso, que os levou à prisão, obrigando Olga a retornar a origem do seu percurso, isto é, a Alemanha, faz com que ela, ao contrário de Prestes, perca a vida em consequência da sua missão.

Assim, enquanto Luís Carlos Prestes, que no final é libertado da prisão e tem o reconhecimento do povo ainda como um humano, Olga Benário, ao morrer tornar-se-á uma figura imortal. Tendo passado pela morte, “o herói mitológico afirma sua dupla natureza, humana e divina. A mortalidade completa a profunda humanidade do herói, depois que este, ao lutar bravamente contra o mundo, enfrenta heroicamente uma morte que acabará por abatê-lo” (MARKENDORF, 2006, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que o escritor Fernando Morais defenda a tese de que sua obra representa a *versão real* dos episódios da vida de Olga, sabe-se que “o máximo que a biografia pode oferecer é uma reconstrução, um efeito de real” (PENA, 2004, p. 20). Assim, é nessa tentativa de recompor o retrato de seus personagens que determinados traços subjetivos, entre eles, adjetivações e recriações, podem vir a se revelar, como foi identificado ao término desta análise.

Essas características revelam não somente o posicionamento político-ideológico do escritor, mas também a história de uma vida encenando um mito ou, ainda, o presente reinterpreta os mitos passados, ou seja, a realização da mitobiografia. Interessa salientar que, apesar da obra apresentar aspectos mitobiográficos em ambos os personagens principais, tanto Olga Benário quanto Luís Carlos Prestes, será na figura de Olga que o mito do herói vai realizar-se completamente. Ao ter sua morte registrada sob forma mitologizante, seu nome é perenizado no imaginário social.

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubijara Sobral. 11. ed. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. *O poder do mito*. 25. ed. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CARDOSO DE JESUS, Paulo Renato. Drama, Mithos e Poiesis: para uma etnografia psico-social da vocação religiosa. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos, 4., Coimbra, 2000. *Anais eletrônicos...* Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000. Disponível em: <http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e082777a32_1.PDF>. Acesso em: 28 set. 2010.
- MARKENDORF, Marcio. Mitobiografia e lógica de gênero. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO: Gênero, memória e narrativas, 7., Florianópolis, 2006. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Marcio_Markendorf_41_B.pdf>. Acesso em: 27 set. 2010.
- MELO, Mônica Santos de Souza; COSTA, Lucas Piter Alves. Implicações sobre as narrativas de si. *Letras & Letras*, Uberlândia, n. 26 (1), p. 141-154, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.letraseletras.ilecl.ufu.br/viewissue.php?id=18>>. Acesso em: 18 out. 2010.
- MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- MONFARDINI, Adriana. O mito e a literatura. *Terra Roxa e outras terras*, Londrina, v. 5, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol5/v5_4.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2010.
- PASSERINI, Luisa. *Mitobiografia em história oral*. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Revista Proj. História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projtohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2011.
- PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- _____. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2008.
- RIVA, Anelise Ferreira; CÉSAR, Daisy; SAVARIS, Michele. Olga: biografia e memória cultural. *Revista Literatura em Debate*, Frederico Westphalen, v. 4, n. 1, p. 26-34, Dossiê Especial, jan. 2010. Disponível em: <http://www.fv.uri.br/publicacoes/literaturaemdebate/artigos/3Anelise_Riva.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2010.
- SERPA, Maria Valquíria Faria. *A constituição identitária de Olga Benário: uma abordagem pragmática*. 2008. 211f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.